

artigo acadêmico

A TEORIA DO DESEJO MIMÉTICO, DE RENÉ GIRARD, APLICADA À OBRA *QUINCAS BORBA* DE MACHADO DE ASSIS

Jéssica Sabrina Souza Pereira¹
Herasmo Braga de Oliveira Brito²

RESUMO

Este artigo se propõe a analisar a obra *Quincas Borba*, de Machado de Assis, sob a ótica da teoria do desejo mimético. A hipótese mimética, formulada e desenvolvida por René Girard, tem como escopo o desejo assim como a sua origem mimética e centralidade na reflexão a respeito da condição humana. Para Girard, o desejo nunca é binário, mas sempre triangular. Logo, há sempre a presença, admitindo-se ou não, de um modelo/mediador entre o sujeito e o objeto de desejo. Deste modo, o objetivo é mostrar como essa natureza mimética do desejo, sobretudo quando não admitida a mediação, influencia as relações, decisões e conflitos vivenciados pelas personagens na obra. Em vista disso, este artigo busca abordar essas ligações miméticas, tal quais os desdobramentos e insatisfações decorrentes destas em *Quincas Borba*. A presente pesquisa caracteriza-se como bibliográfica. Para tanto, é feita a seleção de alguns momentos da narrativa bem como o uso dos seguintes autores: Barbieri (2003), Candido (1995), Girard (2009), Prado (1964).

Palavras-chave: Machado de Assis; Verdade Romanesca; Desejo Mimético.

ABSTRACT

This study proposes to analyze the work *Quincas Borba*, by Machado de Assis, from the point of view of the theory of mimetic desire. The mimetic hypothesis, formulated and developed by René Girard, has as its scope the desire as well as its mimetic origin and centrality in the reflection on the human condition. For Girard, desire is never binary, but always triangle shaped. Therefore, there is always the presence, admitted or not, of a model / mediator between the subject and the object of desire. Thus, the objective is to show how this mimetic nature of desire, especially when not allowed mediation, influences the relationships, decisions and conflicts experienced by the characters in the work. In view of this, this article seeks to address these mimetic connections, such as the unfoldings and dissatisfactions resulting from them in *Quincas Borba*. The present research is characterized as bibliographical. To do so, the selection of some moments of the narrative is made as well as the use of the following authors: Barbieri (2003), Candido (1995), Girard (2009), Prado (1964).

Keywords: Machado de Assis; Truth Romanesca; Mimetic Desire.

1 Curso de Letras Português da Universidade Estadual do Piauí

2 Professor Adjunto do Curso de Letras Português da Universidade Estadual do Piauí

1. INTRODUÇÃO

Há muito tempo foi estabelecida a relevância do conceito de mimese para a compreensão das relações humanas e organização da sociedade, assim como para estudos e produções literárias de diferentes épocas. Sabe-se que, a formação do homem como ser social se dá através da relação com outros sujeitos, devido à mimese e seu caráter imitativo, representativo e cognitivo. Isto é, no que se refere à cognição, o ser humano aprende por imitação e, para tanto, adota modelos. Nesse sentido, René Girard em *Mentira Romântica e Verdade Romanesca* destaca a centralidade do desejo e sua natureza imitativa. Para Girard, não existe desejo espontâneo, ou seja, o desejo é sempre fruto de mediação, formando, assim, uma complexa relação triangular. Logo, Girard designa duas formas opostas de encarar a natureza mimética do desejo: a mentira romântica e a verdade romanescas. A primeira perspectiva, mentira romântica, diz respeito ao desejo direto e espontâneo, visão característica de uma mentalidade ingênua que admite a existência do chamado “amor à primeira vista”. Por seu turno, a verdade romanescas relaciona-se diretamente com a imitação de modelos, sendo o desejo despertado não mais pelo objeto, mas pelo mediador. Nesse sentido, enquanto a primeira forma obscurece a natureza mimética do desejo, devido à omissão do mediador, a segunda lida com esse mimetismo reconhecendo a função definitiva deste último na origem e continuidade do desejo.

No que se refere à natureza da mediação, Girard distingue dois tipos: a mediação externa e a mediação interna. No primeiro não há confronto entre sujeito e mediador, uma vez que a mediação geralmente é reconhecida de forma pacífica pelo sujeito ou a distância espiritual, assim como a diferença de interesses entre ambos não tende a desencadear conflitos. Por sua vez, no segundo tipo, o modelo encontra-se não só bem próximo ao sujeito como também pode ser considerado como um possível obstáculo entre este e o objeto desejado. Nesse sentido, Girard (2009, p.33) afirma:

Falaremos de mediação externa quando a distância é suficiente para que as duas esferas de possíveis, cujo centro está ocupado cada qual pelo mediador e pelo sujeito, não estejam em contato. Falaremos de mediação interna quando essa mesma distância está suficientemente reduzida para que as duas esferas penetrem com maior ou menor profundidade uma na outra.

Destarte, nesse segundo tipo de mediação, o mediador tende a passar de modelo para rival do sujeito. É na mediação interna que ocorrem os conflitos e a violência desencadeada pelo desejo mimético. Logo, quando a violência originada pela mediação interna chega a um ponto alarmante, o mecanismo do bode expiatório entra em ação como uma alternativa para solução dos conflitos, sacrificando-se, nesse caso, um único membro do grupo para que a ordem social possa ser reestabelecida.

Os conceitos estabelecidos por René Girard são essenciais para compreensão da organização e relações sociais, bem como para auxiliar na leitura e apreciação das obras

tradicionais e dos romances modernos. A partir da noção de Verdade Romanesca estabelece-se a real natureza do desejo, isto é, admite-se o seu caráter essencialmente mimético a partir da imitação e adoção de modelos. Assim, “a divindade do mediador está no âmago do gênio romanesco” (GIRARD, 2009, p.103).

Os autores produtores de Verdade Romanesca reconhecem, transparentemente, a influência de outros autores em suas obras, assim como a natureza imitativa do desejo. Como exemplo, podemos destacar Machado de Assis, que dialoga com toda a tradição ocidental. Machado vale-se de grandes autores, além de citar textos clássicos, como a Bíblia, Dante e Shakespeare, o que pode ser observado na seguinte passagem de *Quincas Borba*:

Esses sonhos iam e vinham. Que misterioso Próspero transformava assim uma ilha banal em mascarada sublime? “Vai, Ariel, traze aqui os teus companheiros, para que eu mostre a este jovem casal alguns feitiços da minha feitiçaria.” As palavras seriam as mesmas da comédia; a ilha é que era outra, a ilha e a mascarada. Aquela era a própria cabeça do nosso amigo; esta não se compunha de deusas nem de versos, mas de gente humana e prosa de sala. Mais rica era. Não esqueçamos que o Próspero de Shakespeare era um duque de Milão; e eis aí, talvez, por que se meteu na ilha do nosso amigo. (ASSIS, 2008, p. 84)

Machado estabelece, ainda, um diálogo particular entre literatura e filosofia. Em *Quincas Borba*, assim como em outras produções literárias do autor, podemos observar essa relação literário-filosófica.

No que se refere ao desejo mimético na obra, podemos encontrar tanto a presença de mediação externa, em relação à influência de outros autores, como de mediação interna entre as suas personagens. Em vista disso, a teoria girardiana nos possibilita a interpretação das relações desencadeadas pelo desejo mimético, assim como as consequências dos distintos tipos de mediação.

2. O DESEJO MIMÉTICO NAS PERSONAGENS EM *QUINCAS BORBA*

A obra *Quincas Borba*, de Machado de Assis, conta a história de Rubião, um professor que faz amizade com Quincas Borba, um filósofo que já aparecera como personagem em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Ao contrário desta última, a narração de *Quincas Borba* é em terceira pessoa. Durante a maior parte da narrativa, o narrador distancia-se para acompanhar as personagens, porém em muitos momentos este se aproxima e dialoga com o leitor. Nesse aspecto, podemos observar a relevância do narrador para constituição e compreensão do enredo da obra. Logo, “o narrador é uma das armas, uma das riquezas do romance, possibilitando ao autor dizer com maior clareza, se assim o desejar, aquilo que a própria trama dos acontecimentos não for capaz de exprimir” (PRADO, 1964, p.86).

Após a morte de Quincas Borba, narrada logo nos primeiros capítulos, Rubião tornou-se o seu herdeiro universal. Porém, a herança veio acompanhada de uma condição: cuidar do

outro Quincas Borba, isto é, o cachorro que levava o mesmo nome do filósofo. Recebida a herança, Rubião decidiu mudar-se para o Rio de Janeiro, conhecendo, ainda durante a viagem, Cristiano Palha e Sofia, casal que se comprometeu a acompanhá-lo na corte e a cuidar dos interesses do recente capitalista. A aproximação entre ambos deu-se tal como podemos observar na seguinte passagem:

Na estação de Vassouras, entraram no trem Sofia e o marido, Cristiano de Almeida e Palha. Este era um rapagão de trinta e dois anos; ela ia entre vinte e sete e vinte e oito. Vieram sentar-se nos dois bancos fronteiros ao do Rubião, acomodaram as cestinhas e embrulhos de lembranças que traziam de Vassouras, onde tinham ido passar uma semana; abotoaram o guarda-pó, trocaram algumas palavras, baixo. Depois que o trem continuou a andar, foi que palha reparou na pessoa do Rubião, cujo rosto, entre tanta gente carrancuda ou aborrecida, era o único plácido e satisfeito. Cristiano foi o primeiro que travou conversa, dizendo-lhe que as viagens de estrada de ferro cansavam muito, ao que Rubião respondeu que sim; para quem estava acostumado a costa de burro, acrescentou, a estrada de ferro cansava e não tinha graça; não se podia negar, porém, que era um progresso. (ASSIS, 2008, p.31).

Esse encontro foi decisivo para o desenrolar da trama. Com o avanço do diálogo entre o casal Palha e Rubião, este por ingenuidade acabou por confessar o motivo que o trazia à corte: a herança que tinha acabado de receber do amigo falecido, enfatizando o fato de ser o herdeiro universal da fortuna:

– Tenho que cuidar primeiro de um inventário – murmurou finalmente.
– O senhor seu pai?
– Não, um amigo, um grande amigo, que se lembrou de fazer-me seu herdeiro universal.
– Ah!
– Universal. Creia que há amigos nesse mundo; como aquele, poucos. Aquilo era ouro. E que cabeça! Que inteligência! Que instrução! Viveu doente os últimos tempos, donde lhe veio alguma impertinência, alguns caprichos. Sabe, não? Rico e doente, sem família, tinha naturalmente exigências... Mas ouro puro, ouro de lei. Aquilo quando estimava, estimava de uma vez. Éramos amigos, e não me disse nada. Vai um dia, quando morreu, abriu-se o testamento, e achei-me com tudo. É verdade. Herdeiro universal! Olhe que não há uma deixa no testamento para outra pessoa. Também não tinha parente. O único parente que teria, seria eu, se ele chegasse a casar com uma irmã minha, que morreu, coitada! Fiquei só amigo, mas, ele soube ser amigo, não acha?
– Seguramente – afirmou o Palha.
Já os olhos deste não brilhavam, refletiam profundamente. Rubião metera-se por um mato cerrado, onde lhe cantavam todos os passarinhos da fortuna; regalava-se em falar da herança; confessou que não sabia ainda a soma total, mas podia calcular por longe...
(ASSIS, 2008, p.33).

Podemos observar, nessa passagem, que a atitude ingênua de Rubião acabou por despertar o interesse de Palha em relação aos seus bens herdados. Este visualizou logo a possibilidade que tinha a sua frente de ascender socialmente. Porém, na medida em que se aproximavam a

inexperiência de Rubião não permitiu que este visse outra relação senão a amizade espontânea de Palha e sua esposa Sofia.

Com a convivência, Rubião passou a estimar e espelhar-se, cada vez mais, em seu novo amigo da alta sociedade. Logo no início da narrativa, percebemos a influência de Palha nas vontades de Rubião em relação a certos objetos e decisões:

Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica esse par de figuras que aqui está na sala, um Mefistófeles e um Fausto. Tivesse, porém, de escolher, escolheria a bandeja,— primor de argenteria, execução fina e acabada. O criado esperava teso e sério. Era espanhol; e não foi sem resistência que Rubião o aceitou das mãos de Cristiano; por mais que lhe dissesse que estava acostumado aos seus crioulos de Minas, e não queria línguas estrangeiras em casa, o amigo Palha insistiu, demonstrando-lhe a necessidade de ter criados brancos. Rubião cedeu com pena. O seu bom pajem, que ele queria pôr na sala como um pedaço da província, nem o pôde deixar na cozinha, onde reinava um francês, Jean; foi degradado a outros serviços. (ASSIS, 2008, p.17-18).

Nesse aspecto, percebemos a mediação de Cristiano Palha em relação a determinadas escolhas de Rubião. Ao longo da narrativa essa mediação intensificou-se de modo que Rubião passou a desejar, vigorosamente, a bela Sofia, mulher de Cristiano Palha. Presenciamos, nesse momento, o desejo mimético, isto é, o surgimento do desejo triangular entre as personagens. Para Girard, o que desperta o interesse nas pessoas é o interesse de outras pessoas, ou seja, há sempre a presença de um mediador que estimula um dos vértices do triângulo. Há um “desejo segundo o Outro que se opõe ao desejo segundo Si próprio” (GIRARD, 2009, p. 27). Isso nos explica o fato de Rubião sempre ceder e adotar as sugestões de Palha, assim como desejar os objetos por este desejados.

Logo, presenciamos o nascimento do desejo de Rubião por Sofia nos seguintes momentos:

Rubião tinha vexame, por causa de Sofia; não sabia haver-se com senhoras. Felizmente, lembrou-se da promessa que a si mesmo fizera de ser forte e implacável. Foi jantar. Abençoada resolução! Onde acharia iguais horas? Sofia era, em casa, muito melhor que no trem de ferro. Lá vestia a capa, embora tivesse os olhos descobertos; cá trazia à vista os olhos e o corpo, elegantemente apertado em um vestido de cambraia, mostrando as mãos que eram bonitas, e um princípio de braço. Demais, aqui era a dona da casa, falava mais, desfazia-se em obséquios; Rubião desceu meio tonto. (ASSIS, 2008, p.33).

Jantou lá muitas vezes. Era tímido e acanhado. A frequência atenuou a impressão dos primeiros dias. Mas trazia sempre guardado, e mal guardado, certo fogo particular, que ele não podia extinguir. Enquanto durou o inventário, e principalmente a denúncia dada por alguém contra o testamento, alegando que o Quincas Borba, por manifesta demência, não podia testar, o nosso Rubião distraiu-se; mas a denúncia foi destruída, e o inventário caminhou rapidamente para a conclusão. Palha festejou o acontecimento com um jantar em que tomaram parte, além dos três, o advogado, o procurador e o escrivão. Sofia tinha nesse dia os mais belos olhos do mundo. (ASSIS, 2008, p.34).

O desejo de Rubião tendeu a intensificar-se pela presença do mediador, uma vez que o desejo do outro funciona, nesse sentido, como definidor do valor imanente do objeto desejado. Nesse sentido, o que despertou o desejo de Rubião não foi o objeto em si, mas a influência do mediador. Logo, podemos observar que é ao Palha que Rubião deve o seu desejo por Sofia.

Ao refletir sobre a situação, Rubião atormentava-se pelo fato de sentir-se atraído pela mulher de Cristiano, o que nos é apresentado pelo seguinte monólogo: “Mas que pecado é este que me persegue?”, pensava ele andando. “Ela é casada, dá-se bem com o marido, o marido é meu amigo, tem-me confiança, como ninguém... Que tentações são estas?” (ASSIS, 2008, p.34).

Porém, os efeitos da mediação de Palha fizeram com que Rubião perdesse aos poucos o controle da situação e com o tempo a primeira impressão continuou a intensificar-se. Deste modo, percebemos que o que teve início com uma simples admiração evoluiu logo para algo mais intenso. Nesse sentido, Girard(2009) afirma: “Todo desejo segundo o Outro, por nobre e inofensivo que nos pareça em seus primórdios, arrasta pouco a pouco a sua vítima às regiões infernais.” (p. 131). Assim, na medida em que o sujeito sofre a interferência da mediação, este perde, em certa medida, o controle de suas vontades.

Observamos que durante a narrativa Rubião passou a desejar Sofia cada vez mais vigorosamente, chegando ao ponto de iludir-se sobre a possível reciprocidade desta em relação ao seu desejo. Daí a alternância dos monólogos: “É tão bonita! E parece querer-me tanto! Se aquilo não é gostar, não sei o que seja gostar. Aperta-me a mão com tanto agrado, com tanto calor... Não posso afastar-me; ainda que me deixem, eu é que não resisto.” (ASSIS, 2008, p.34). Percebemos, nesse momento, a continuidade da evolução do desejo de Rubião no decorrer da narrativa.

Embora o sujeito alimentasse essa ilusão da natureza autônoma do seu desejo, o objeto de desejo, isto é, Sofia, como já frisamos, não possuía papel definidor no desejo de Rubião. Nesse sentido, “eis o pecado original do mimetismo: como aprendo a comportar-me a partir da reprodução de comportamentos já existentes, sou levado, consciente ou inconsciente, a adotar modelos e a segui-los como se fossem expressões do meu desejo autônomo” (GIRARD, 2009, p.18).

Deste modo, concluímos que o limiar desse desejo ficou a cargo da proximidade do mediador. Logo, “à medida que cresce o papel do *metafísico* no desejo, o papel do *físico* decresce. Quanto mais o mediador se aproxima, mais a paixão se intensifica e mais o objeto se esvazia de qualquer valor concreto” (GIRARD, 2009, p.111). Assim, percebemos o aumento do interesse pelo objeto devido à proximidade e, sobretudo, ao próprio desejo de Cristiano Palha por Sofia. E “é esse mesmo desejo, real ou presumível, que torna esse objeto infinitamente desejável aos olhos do sujeito.” (GIRARD, 2009, p. 31).

Todavia, destacamos que Rubião acreditava veemente na espontaneidade de seu desejo por Sofia. Assim, “como todas as vítimas da mediação interna, este se convence facilmente de que seu desejo é espontâneo, isto é, que ele está enraizado no objeto e somente nele.” (GIRARD, 2009, p.36). Não obstante, no decorrer da narrativa, Rubião necessitou continuamente do

desejo do Outro, assim como do suposto interesse e sugestões de diferentes personagens, para que firmasse o seu desejo por Sofia.

Podemos observar a interferência nítida de outras personagens durante a narrativa para a acentuação do desejo de Rubião no momento em que há o diálogo entre este e seus convidados, Carlos Maria e Freitas, após haver recebido, em sua residência, uma cortesia que fora enviada por Sofia:

- Que frutas são?— perguntou Rubião, fechando a carta.
- Morangos.
- Chegaram tarde. Morangos? – repetiu ele sem saber o que dizia.
- Não é preciso corar, meu caro amigo – disse-lhe rindo o Freitas, logo que o criado saiu. – Estas coisas acontecem a quem ama...
- A quem ama? – Repetiu Rubião corando deveras. – Mas, pode ler a carta, veja...
la mostrá-la, recuou e meteu-a no bolso. Estava fora de si, meio confuso, meio alegre; Carlos Maria deleitou-se em dizer-lhe que ele não podia encobrir que o mimo era de alguma namorada. E não achava que repreender; o amor era lei universal: se era alguma senhora casada, louvava-lhe a discrição...
- Mas pelo amor de Deus!— interrompeu o anfitrião.
- Viúva? Estamos no mesmo caso – continuou Carlos Maria – ; a discrição aqui é ainda um merecimento. O maior pecado, depois do pecado, é a publicação do pecado. Eu, se fosse legislador, propunha que se queimassem todos os homens convencidos de indiscrição nestas matérias; e haviam de ir para a fogueira, como os réus da inquisição com a diferença que, em vez de sambenito, levariam uma capa de penas de papagaio...
- Freitas não podia ter-se com o riso, e batia na mesa, à maneira de aplauso; Rubião, meio enfiado, acudia que não era casada nem viúva... (ASSIS, 2008, p.38-39).

Percebemos, nessa passagem, que a sugestão dos dois convivas tendeu a acentuar o desejo de Rubião por Sofia, uma vez que, vendo-se obrigado a confessar que o mimo havia sido enviado pela esposa de um amigo, sentiu-se satisfeito com a insinuação de um amor adúltero:

Carlos Maria piscou o olho, Freitas interveio dizendo que agora, sim, senhor, estava explicado; mas que, a princípio, o mistério, o arranjo da cestinha, o ar dos próprios morangos, morangos adúlteros, disse ele, rindo, todas essas coisas davam ao negócio um aspecto imoral e pecaminoso; mas tudo ficara acabado.
Tomaram em silêncio o café; depois passaram á sala. Rubião desfazia-se em obséquios, mas preocupado. Corridos alguns minutos, estava satisfeito com a primeira suposição dos dois convivas, a de um amor adúltero; achou até que se defendera com demasiado calor. Uma vez que não dissesse o nome de ninguém, podia ter confessado que era, em verdade, um negócio íntimo. Mas também podia acontecer que o próprio calor da negativa deixasse alguma dúvida no ânimo dos dois, alguma suspeita... Aqui sorriu consolado.
(ASSIS, 2008, p.39).

Assim, um simples bilhete foi encarado por Rubião como um convite ao adultério feito de maneira indireta por Sofia. No entanto, nos é revelado mais adiante que o mesmo bilhete havia sido redigido pelo próprio Palha e Sofia não fez mais que transcrevê-lo e enviá-lo a Rubião acompanhado do agrado.

Do mesmo modo, podemos observar que a relação de Cristiano Palha com a sua esposa Sofia, ao longo da narrativa, tendia a despertar não só o desejo de Rubião, assim como o interesse de outros personagens pela moça. Sofia era uma mulher de exuberante beleza, detalhe que seu marido fazia questão de evidenciar na medida em que passava a exibí-la em determinadas situações. Observamos vaidade de Palha em relação a sua esposana seguinte passagem:

La muita vez ao teatro sem gostar dele, e a bailes, em que se divertia um pouco, mas já menos por si que para aparecer com os olhos da mulher, os olhos e os seios. Tinha essa vaidade singular, decotava a mulher sempre que podia, e até onde não podia, para mostrar aos outros suas venturas particulares. Era assim um Rei Candaules, mais restritopor um lado, e, por outro, mais público. (ASSIS, 2008, p.41-42).

Deste modo, “Sofia exhibe seus encantos, negaceia diante dos pretendentes e faz que vai mas não vai, sempre sob o olhar complacente do marido” (BARBIERI, 2003, p.22). Essa atitude particular de Cristiano Palha em relação à Sofia intensificava a admiração e, sobretudo, o desejo de Rubião, mostrando que “todo desejo que se exhibe pode suscitar e redobrar o desejo de um rival” (GIRARD, 2009, p.181).

Logo, devido à intensificação de seu desejo, Rubião chegou a declarar-se para Sofia em uma determinada ocasião em que se encontravam a sós:

Rubião lembrou-se de uma comparação velha, mui velha, apanhada em não sei que décima de 1850, ou de qualquer outra página em prosa de todos os tempos. Chamou aos olhos de Sofia as estrelas da terra, e às estrelas os olhos do céu. Tudo isso baixinho e trêmulo. Sofia ficou pasmada. De súbito endireitou o corpo, que até ali viera pesando no braço do Rubião. Estava tão acostumada a timidez do homem... Estrelas? Olhos? Quis dizer que não caçoasse com ela, mas não achou como dar forma á resposta, sem rejeitar uma convicção que também era sua, ou então sem animá-lo a ir adiante. Daí um longo silêncio.

– Com uma diferença – continuou Rubião. – As estrelas são ainda menos lindas que os seus olhos, e afinal nem sei mesmo o que elas sejam; Deus, que as pôs tão alto, é porque não poderão ser vistas de perto, sem perder muito da formosura... Mas os seus olhos, não; estão aqui, ao pé de mim, grandes, luminosos, mais luminosos que o céu...

Loquaz, destemido, Rubião parecia totalmente outro. Não parou ali; falou ainda muito, mas não deixou o mesmo círculo de ideias. Tinha poucas; e a situação, apesar da repentina mudança do homem, tendia antes a cerceá-las, que a inspirar-lhe novas. Sofia é que não sabia que fizesse. Trouxera ao colo um pombinho, manso e quieto, e sai-lhe um gavião, um gavião adunco e faminto. (ASSIS, 2008, p.44).

Após o ocorrido, Sofia comentou com o seu marido a ousadia de Rubião, ao passo que Cristiano procurou acalmá-la, pois ainda possuía vínculos financeiros com o outro. Rubião,

por sua vez, ao resolver declarar-se para Sofia, não levou em consideração as consequências que o seu desejo mediado poderia desencadear. Logo, “assim que a influência do mediador se manifesta, o sentido do real fica perdido, a capacidade de julgamento, paralisada” (GIRARD, 2009, p.27).

Essa relação triangular entre Rubião, Palha e Sofia acabou por afetar direta e indiretamente outras personagens no decorrer da narrativa. Assim, na medida em que o desejo do sujeito se intensifica, seus efeitos tendem a se expandir para outros sujeitos, uma vez que “o desejo metafísico é eminentemente contagioso” (GIRARD, 2009, p.123). À vista disso, houve o surgimento de mais vítimas do desejo triangular e, como consequência, a formação de novos triângulos. Nesse sentido, D. Tonica, em ocasião da presença de Sofia e Rubião, despertou um interesse por este, inicialmente porque já estava à procura de um noivo e logo depois levando em consideração o suposto interesse e relação de Sofia com este. Logo, D. Tonica

não tardou em perceber que os olhos de Rubião e os de Sofia caminhavam uns para os outros, notou, porém, que os de Sofia eram menos frequentes e demorados, fenômeno que lhe pareceu explicável, pelas cautelas naturais da situação. Podia ser que se amassem... Esta suspeita afligiu-a, mas o desejo e a esperança mostraram-lhe que um homem, depois de um ou mais amores, podia muito bem vir a casar. A questão era captá-lo, a perspectiva de casar e ter família podia ser que acabasse de matar qualquer outra inclinação da parte dele, se alguma houvesse. (ASSIS, 2008, p. 42-43).

Apesar da constante troca de olhares que ocorria entre os dois, D. Tonica ainda assim não mediu esforços para chamar a atenção de Rubião. Não obtendo sucesso em sua tentativa, D. Tonica revoltou-se com Sofia ao considerá-la culpada devido ao suposto envolvimento desta com Rubião, uma vez que “a força impositiva da ilusão aumenta à medida que a contaminação se alastra e o número de vítimas se amplia” (GIRARD, 2009, p.131). Logo, a admiração que a moça sentia por Sofia, transformou-se em ódio. Assim, D. Tonica “via nela agora um monstro, metade gente, metade cobra, e sentiu que a aborrecia, que era capaz de vingar-se exemplarmente, de dizer tudo ao marido” (ASSIS, 2008, p. 48).

Nesse momento, percebemos que Sofia passou, então, de mediadora para rival de D. Tonica. Deste modo, “a admiração apaixonada e a vontade de emulação esbarram no obstáculo, em aparência, injusto que o modelo opõe a seu discípulo e recaem sobre este último sob a forma de ódio impotente (...)” (GIRARD, 2009, p.35). A raiva e o ressentimento de D. Tonica persistiram enquanto durou o autoenvenenamento psicológico desta em relação à Sofia. Passado a cólera, D. Tonica voltou a si e sentiu-se frustrada em relação às suas expectativas de casar-se com Rubião.

Nesse aspecto, percebemos mais uma vez, o papel efetivo do mediador na gênese do desejo por um determinado objeto entre as personagens na obra. D. Tonica, assim como as demais personagens, encontravam-se, constantemente, realizando a adoção de modelos e sofrendo a influência da mediação interna em seus desejos. Deste modo, o autor nos apresenta o desejo na obra em uma perspectiva sempre triangular.

Os autores que produzem Verdade Romanesca, como Machado de Assis, possuem uma importância fundamental na definição da natureza mimética do desejo. Com efeito, “só os romancistas devolvem ao mediador o lugar usurpado pelo objeto, só os romancistas invertem a hierarquia do desejo habitualmente aceita” (GIRARD, 2009, p.38). Logo, podemos observar entre as personagens machadianas a presença constante do desejo mediado.

No que se refere ao romancista e a transfiguração do objeto de desejo, o autor destaca ainda que “o romancista não se interessa nem pela realidade irrisória do objeto, nem mesmo pelo objeto transfigurado, mas pelo processo de transfiguração. O grande romancista sempre foi assim” (GIRARD, 2009, p.249). Nesse sentido, nos é colocada à relevância do processo de evolução do desejo mimético onde o objeto de desejo tende a ganhar um valor ilusório devido à presença da mediação.

A relação triangular central entre Rubião, Palha e Sofia, continuava a instigar outras personagens durante a narrativa. Assim, em consequência disso, Carlos Maria também passou a cobiçar a bela Sofia. Era um rapaz jovem, arrogante e galanteador, frequentador da casa de Rubião, porém não possuía em relação ao anfitrião grande consideração. Carlos Maria enquadrava-se, nesse aspecto, na definição de esnobe. O seu interesse por Sofia estava intrinsecamente ligado, primeiramente, ao desejo do outro, segundo, a sua própria vaidade. De qualquer forma, “o esnobe também é um imitador. Ele copia servilmente o ser de quem ele inveja a origem, a fortuna ou o estilo *chic*” (GIRARD, 2009, p.47). Carlos Maria só desejava Sofia porque esta era perceptivelmente desejada por outros durante a narrativa. Assim, “o esnobe não ousa confiar em seu juízo pessoal, ele só deseja os objetos desejados por outrem” (GIRARD, 2009, p.47).

Rubião, ao visitar ao casal Palha após um longo tempo em que se manteve afastado, deparou-se com Carlos Maria, que nessa ocasião tecia elogios a Sofia, o que podemos observar na seguinte passagem:

Rubião inclinou-se, atravessou o jardim, ouvindo a voz de Carlos Maria, na sala:
– Vou denunciar seu marido, minha senhora; é homem de muito mau gosto.
Rubião parou.
– Por quê? – disse Sofia.
– Tem este seu retrato na sala – continuou Carlos Maria –; a senhora é muito mais bela, infinitamente mais bela que a pintura. Comparem, minhas senhoras.
(ASSIS, 2008, p.69-70)

Logo, Rubião impressionou-se com a naturalidade com que Carlos Maria elogiava Sofia. Assim, Rubião passou a desconfiar de um suposto envolvimento existente entre Sofia e Carlos Maria e, conseqüentemente, a sentir ciúme deste, vendo na figura do outro um possível obstáculo. Ocorreu, nesse momento, o início de outra rivalidade, agora entre Rubião e Carlos Maria. Assim, “não desconfiamos, por exemplo, de que o ciúme e a inveja, tal como o ódio, não passam dos nomes tradicionais dados à mediação interna, nomes que escondem de nós, quase sempre, sua verdadeira natureza” (GIRARD, 2009, p.35). Deste modo, Rubião passou a preocupar-se com o suposto interesse de Carlos Maria uma vez que este apresentava-se como uma ameaça.

A desconfiança de Rubião ganhou forças devido a uma carta de Sofia que, direcionada a Carlos Maria, por descuido chegou a suas mãos. Rubião, no entanto, hesitou em abri-la, decidindo, enfim, entregá-la diretamente a própria Sofia quando tivesse oportunidade. Observamos a decisão tomada, assim como a raiva e ciúme do protagonista em relação a Carlos Maria, na seguinte passagem:

“Digo-lhe que achei uma carta, assim e assim”, pensou Rubião, “e antes de lhe dar a carta, vejo bem na cara dela, se fica aterrada ou não. Talvez empalideça; então ameço-a, falo-lhe da Rua da Harmonia; juro-lhe que estou disposto a gastar trezentos, oitocentos, mil contos, dois mil, trinta mil contos, se tanto for preciso para estrangular o infame...” (ASSIS, 2008, p. 97)

Nesse momento, podemos observar que, ao tomar a decisão de entregar a carta de volta a Sofia, Rubião pretendia desvendar a verdade em relação ao suposto envolvimento desta com Carlos Maria, caso houvesse em sua expressão ou atitude algo que a denunciasse. Todavia, provavelmente Rubião já possuía uma certeza internalizada, derivada de seu ciúme e rivalidade com Carlos Maria, do envolvimento entre este e Sofia. Podemos perceber, aqui, que a atitude de desconfiança de Rubião reflete a presença de mais um dos efeitos do desejo mimético, isto é, o ciúme. Deste modo, nem mesmo quando Sofia procurou defender-se diante da correspondência Rubião percebeu a real natureza de seu engano.

Por sua vez, Carlos Maria possuía antes um interesse de vaidade que um interesse amoroso em relação à Sofia, de modo que, ao cortejá-la em uma ocasião em que valsava com esta, Carlos chegou a descrever um acontecimento falso com o intuito de iludi-la e convencê-la de seu desejo. Podemos observar o comportamento de Carlos Maria nos seguintes momentos:

Ao lado dela Carlos Maria não ficava mal. Era um rapaz galhardo, como sabemos, e trazia os mesmos olhos plácidos do almoço de Rubião. Não tinha as maneiras súditas, nem as curvas reverentes dos outros rapazes; exprimia-se com a graça de um rei benévolo. Entretanto, se, à primeira vista, parecia fazer apenas um obséquio àquela senhora, não é menos certo que ia desvanecido, por trazer ao lado a mais esbelta mulher da noite. Os dois sentimentos não se contradiziam; fundiam-se amos na adoração que este moço tinha de si mesmo. Assim, o contato de Sofia era para ele como a prostração de uma devota. Não se admirava de nada. Se um dia acordasse imperador, só se admiraria da demora do ministério em vir cumprimentá-lo. (ASSIS, 2008, p.75)

Deixou-se ir; e ambos foram andando calados, calados, calados, até que ele rompeu o silêncio, notando-lhe que o mar defronte da casa dela batia com muita força, na noite anterior.

– Passou lá? – perguntou Sofia.

– Estive lá; ia pelo catete, já tarde, e lembrou-me descer à Praia do Flamengo. A noite era clara; fiquei cerca de uma hora, entre o mar e a sua casa. A senhora apostou que nem sonhava comigo? Entretanto, eu quase que ouvia a sua respiração.

Sofia tentou sorrir; ele continuou:

– O mar batia com força, é verdade, mas o meu coração não batia menos rijamente; – com esta diferença que o mar é estúpido, bate sem saber por quê, e o meu coração sabe que batia pela senhora. (ASSIS, 2008, p.75).

Nesta passagem, temos a presença da vaidade e do interesse de Carlos Maria por Sofia. A moça, por sua vez, perturbou-se ao ouvir tais palavras. Porém, embora o interesse do Rapaz a houvesse impressionado profundamente, essa situação não se prolongou por muito tempo na narrativa, uma vez que Carlos Maria não se interessava de fato por ela, e toda a investida deste, todas as palavras e gestos, tratavam-se apenas de um jogo do rapaz para tentar seduzi-la e alimentar sua vaidade. Nesse sentido, percebemos que enquanto Rubião não possuía o controle de seu desejo e sofria cada vez mais com as consequências dos desdobramentos deste, Carlos Maria agiu de maneira habilidosa e galanteadora, de modo a não prejudicar-se com a situação. Percebemos, aqui, a presença de diferentes categorias e níveis do desejo mimético na obra.

Carlos Maria casou-se em seguida com Maria Benedita, prima de Sofia, devido à intervenção de D. Fernanda. Cristiano Palha e Sofia foram os primeiros a aparecerem com a resolução de que Maria Benedita precisava casar-se, e para eles o noivo ideal para esta seria Rubião, uma vez que se casando com a prima de Sofia, este passaria a pertencer definitivamente à família. Porém, ao ficar encarregada de tratar do assunto com Maria Benedita, Sofia quando decide tocar no assunto com a prima, não revelou o nome do pretendente. Assim,

Sofia não pôde soltar o nome de Rubião. Já uma vez, dissera ao marido havê-lo proposto, e era mentira. Agora indo a propô-lo de veras, o nome não lhe saiu da boca. Ciúmes? Seria singular eu esta mulher, que não tinha amor aquele homem, não quisesse dá-lo de noivo à prima, mas a natureza é capaz de tudo amigo e senhor. Inventou o ciúme de Otelo e o do cavaleiro Des Grieux, podia inventar este outro de uma pessoa que não quer ceder o que não quer possuir. (ASSIS, 2008, p. 81).

Nesse momento, percebemos a possibilidade da existência do ciúme de Sofia em relação a Rubião. Entretanto, podemos observar mais adiante que se tratava mais de uma questão de vaidade do que propriamente ciúme. Sofia gostava de ser desejada e bem vista por todos, sobretudo por Rubião, de quem recebia muitos mimos, detalhe que podemos observar na seguinte passagem:

Rubião não tornou à casa sem comprar um magnífico brilhante, que, na quarta-feira, enviou a Sofia, acompanhado de um bilhete de visita, e duas palavras de felicitação.

Sofia estava só, no quarto de vestir, calçando os sapatos, quando a criada lhe entregou o pacote. Era o terceiro presente do dia; a criada esperou que ela o abrisse para ver também o que era. Sofia ficou deslumbrada, quando abriu a caixa e deu com a rica joia – uma ela pedra, no centro de um colar. Esperava alguma coisa bonita; mas, depois dos últimos sucessos, mal podia crer que ele fosse tão generoso. Batia-lhe o coração.

– O portador está aí?

– Já foi. Que bonito, minha ama!

Sofia fechou a caixa, e acabou de calçar-se. Deteve-se algum tempo, sentada, sozinha, recordando coisas idas, e levantou-se pensando:

“Aquele homem adora-me.” (ASSIS, 2008, p. 110).

Nessa passagem observamos a convicção de Sofia em relação ao desejo de Rubião. Logo, o fato de Sofia não ter revelado o nome do pretendente a Maria Benedita, levou esta a concluir tratar-se de Carlos Maria, sentindo-se, nesse momento, esperançosa em relação ao possível matrimônio com o rapaz pelo qual se interessava.

Porém, foi D. Fernanda, após aproximar-se e criar um forte vínculo de amizade com Maria Benedita, que percebeu a inclinação que a moça possuía por alguém que ofereceu grande resistência em revelar o nome, e que D. Fernanda só descobriu tratar-se de Carlos Maria por intermédio de seu marido Teófilo: “– O pior – acudiu a mulher olhando para a amiga – é que ela ama alguém, cujo nome não quer dizer. – Nem é preciso – atalhou o marido enxugando os beiços; vê-se bem que ela gosta de teu primo” (ASSIS, 2008, p. 119).

Mais adiante, podemos observar a ação de D. Fernanda como mediadora ao revelar a Carlos Maria o imenso amor que Maria Benedita sentia por ele, de modo que Carlos passou a ver a moça com outros olhos a partir desse momento:

Tal foi o início dos amores. Carlos Maria folgou de se ver assim amado em silêncio, e toda a prevenção se converteu em simpatia. Começou a vê-la, saboreou a confusão da moça, os medos, a alegria, a modéstia, as atitudes quase implorativas, um composto de atos e sentimentos que eram a apoteose do homem amado. Tal foi o início, tal o desfecho. Assim os vimos, naquela noite dos anos de D. Sofia, a quem ele dissera coisas tão doces. São assim os homens; as águas que passam, e os ventos que rugem não são outra coisa. (ASSIS, 2008, p. 121)

Percebemos, aqui, a interferência decisiva de D. Fernanda para o estabelecimento da relação entre Carlos Maria e Maria Benedita. Destacamos, mais uma vez, o papel do mediador para a identificação e intensificação dos sentimentos e desejos das personagens. Deste modo, “o terceiro está sempre presente no nascimento do desejo” (GIRARD, 2009, p.45).

A notícia do casamento entre Carlos e Maria Benedita foi bem recebida por Rubião e o deixou aliviado, uma vez que esse rival, o que mais lhe causava inquietação, saiu de cena. Logo, observamos que esse matrimônio contribuiu para o alívio das tensões entre Rubião e Carlos Maria, assim como para inocentar Sofia perante as suspeitas de envolvimento com o noivo de sua prima.

Contudo, a presença da imitação e seus efeitos continuam a ser observados na obra. Sofia, por exemplo, para que pudesse adaptar-se ao meio no qual foi inserida após casar-se com Cristiano Palha, assim como para continuar evoluindo de acordo com a ascensão social do marido, “observava, imitava. Necessidade e vocação fizeram-lhe adquirir, aos poucos, o que não trouxera do nascimento nem da fortuna” (ASSIS, 2008, p. 131).

De acordo com Girard, há algo que é necessário compreender: o motor é a imitação. Logo, imita-se em todos os sentidos: comportamentos, amizades, relações, desejos e conflitos. No que se refere ao desejo mediado, Girard (2009) afirma que

o desejo segundo o *Outro* é sempre o desejo de ser um *Outro*. Há um único desejo metafísico, mas os desejos particulares que concretizam esse desejo primordial variam ao infinito.

De tudo quanto podemos observar diretamente, nada é imutável no desejo dos heróis de romance. A intensidade desse desejo é ela própria variável. Depende do grau de “virtude metafísica” possuído pelo objeto. E essa virtude depende por sua vez da distância que separa o objeto do mediador. (p. 109).

Na medida em que as personagens na obra encontram-se perigosamente próximas ao seu modelo/mediador, o desejo dessas em relação ao objeto tende a se intensificar. No que concerne à mediação interna, em que a triangulação não é objetivamente manifesta, observamos que esse desejo mediado por um determinado objeto tende a desencadear sérios conflitos nas relações entre as personagens durante a narrativa.

Os conflitos desencadeados pela mediação internapodem possuir os desfechos mais trágicos na medida em que o sujeito decide levar o seu desejo as últimas consequências. Assim, “todo desejo metafísico caminha na direção de sua própria verdade e da tomada de consciência dessa verdade pelo sujeito desejante; há masoquismo quando o próprio sujeito entra na luz dessa verdade e colabora arduamente com seu advento” (GIRARD, 2009, p. 209).

Rubião logo se tornou a principal vítima das consequências do seu desejo por Sofia. Essa inclinação prejudicou o protagonista ao ponto que a sanidade mental deste passou a ser afetada. É provável que os delírios iniciais de Rubião, assim como os seus efeitos posteriores, tenham se originado de seu desejo não correspondido por Sofia. Observamos os primeiros sinais da enfermidade de Rubião na seguinte passagem:

– Que mudança é essa? – perguntou Sofia, quando ele lhe pareceu no fim da semana.

– Vim saber do seu joelho; está bom?

– Obrigada.

Eram duas horas da tarde. Sofia acabava de vestir-se para sair quando a criada lhe fora dizer que estava ali Rubião, tão mudado de cara que parecia outro.

Desceu a vê-lo curiosa; achara-o na sala, de pé, lendo os cartões de visita.

– Mas que mudança é essa? – repetiu ela.

Rubião, sem nenhum sentimento imperial, respondeu que supunha ficarem-lhe melhor os bigodes e a pera.

– Ou estou mais feio?– concluiu.

– Está melhor, muito melhor.

E Sofia disse consigo que talvez fosse ela a causa da mudança. Sentou-se no sofá, e começou a enfiar os dedos nas luvas. (ASSIS, 2008, p.138)

Percebemos, nesse momento, a mudança de aparência repentina de Rubião que por sua vez impressionou Sofia, que acredita ter sido ela própria a motivação para a transformação. Nesse sentido, esta mudança já se configura como um sinal do estado mental do protagonista, que por sua vez sofre influência das consequências destrutivas da mediação interna.

Outro momento em que podemos observar o desequilíbrio mental do protagonista é ilustrado pela seguinte passagem, em que Rubião, fora de si, invadiu repentinamente o carro em que Sofia se encontrava:

Tão rápido foi tudo, que Sofia perdeu a voz e o movimento; mas, ao cabo de alguns segundos:
– Que é isto?... Sr. Rubião, mande parar o carro.
– Parar? Mas a senhora não em disse que ia sair e esperava por ele?
– Não ia sair com o senhor... Não vê que... Mande parar...
Desatinada, quis ordenar ao cocheiro que parasse; mas o receio de um possível escândalo fê-la deter-se a meio caminho. O cupê entrara na Rua Bela da Princesa. Sofia novamente pediu a Rubião que advertisse da inconveniência de irem assim, à vista de Deus e de todo mundo. Rubião respeitou o escrúpulo, e propôs que descessem as cortinas.
– Eu acho que não faz mal que nos vejam – explicou Rubião –; mas, fechando as cortinas, ninguém nos vê. Se quer? (ASSIS, 2008, p.138).

Percebemos nesta atitude de Rubião, assim como em outras ações do protagonista no decorrer da narrativa, perceptivelmente modo como o desejo mediado e seus desdobramentos pode prejudicar a capacidade de julgamento e distinção do sujeito desejante. Rubião já não possuía, a partir daí, controle dos seus atos e a sua sanidade mental encontrava-se gravemente comprometida. Em sequência, Rubião chega a delirar sobre um envolvimento que não chegou a acontecer com Sofia, o que podemos observar na passagem que corresponde ao momento seguinte à invasão:

– Sofia... – disse de repente Rubião; e continuou com pausa: – Sofia, os dia passam, mas nenhum homem esquece a mulher que verdadeiramente gostou dele, ou então não merece o nome de homem. Os nossos amores não serão esquecidos nunca, por mim, está claro, e estou certo que nem por ti. Tudo me deste, Sofia; a tua própria vida correu perigo. Verdade que eu te vingaria, minha bela. Se a vingança pode alegrar os mortos, terias o maior prazer possível. Felizmente, o meu destino protegeu-nos, e pudemos amar sem peias nem sangue... A moça olhava espantada. (ASSIS, 2008, p.140-141)

Rubião seguiu afirmando coisas estranhas e palavras desconexas à moça. A princípio Sofia achou que este dizia tais coisas por maldade, com a intenção de ser ouvido por alguém e prejudicá-la. Porém, com o avanço da crise de Rubião, Sofia percebeu que este na verdade delirava e poderia ter de fato enlouquecido. Percebemos a continuidade do devaneio de Rubião na seguinte passagem:

– Senhor Rubião...
– Napoleão, não; chama-me Luís. Sou o teu Luís, não é verdade, galante criatura? Teu, teu... Chama-me teu; o teu Luís, o teu querido Luís. Ai, se tu soubesses o gosto que me dás quando te ouço essas duas palavras: “Meu Luís!” Tu és a minha Sofia, a doce, a mimosa Sofia da minha alma. Não percamos estes momentos; vamos dizer nomes ternos; mas baixo, baixinho, para que os malandros da almofada do carro não escutem. Para que há de haver cocheiros neste mundo? Se o carro andasse por si, a gente falava à vontade, e iria ao fim da terra. Já então iam costeando o Passei Público; Sofia não deu por isso, olhava fixamente para Rubião; não podia ser cálculo de perverso, nem lhe atribuía mofa... Delírio, sim, é o que era; tinha a sinceridade da palavra, como pessoa que vê ou viu realmente as coisas que relata. (ASSIS, 2008, p.142).

Observamos, nesse particular, as fantasias de Rubião, assim como a provável relação de seu estado com o desejo que sentia pela moça. Com o tempo, “as crises de Rubião tornaram-se mais agudas e menos espaçadas” (ASSIS, 2008, p.143). Rubião já não conseguia mais estabelecer a distinção entre o fantasioso e o real, diferenciar quem erade quem acreditava ser (Luís Napoleão). E o seu desejo mediado por Sofia permaneceu, o que contribuiu para agravamento de seu estado.

O casal Cristiano Palha e Sofia, emboraprocurassem se afastar de Rubião por conta da enfermidade deste, não o fizeram efetivamente devido as obrigações que possuíam com o outro pela proximidade e aparente amizade, e Rubião, por sua vez, já se encontravaem relações tão estreitas com o casal que não pode afastar-se totalmente.

Com efeito, temos entre os três personagens uma ligação triangular que se relaciona não só ao desejo de Rubião, como também ao interesse financeiro do casal Palha em relação ao protagonista. A partir do momento em que Rubião entrou em crise, Palha não reconheceu mais no homem alguém em que pudesse tirar vantagens, uma vez que Rubião já não possuía tantos bens quanto antes. Durante toda a narrativa Rubião foi explorado financeiramente não só pelo casal, assim como por boa parte dos que se encontravam a sua volta. Podemos observar uma intensa teia de relações pautadas em interesses pessoais, profissionais, financeiros e amorosos presente na obra machadiana. Efetivamente como destaca Candido (1995),

pela sua obra toda há um senso profundo, nada documentário, do status, do duelo dos salões, do movimento das camadas, da potência do dinheiro. O ganho, o lucro, o prestígio, a soberania do interesse são molas dos seus personagens, aparecendo em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, avultando em *Esau e Jacó*, predominando em *Quincas Borba*, sempre transformado em modos de ser e de fazer. (p.37)

Assim, percebemos nas relações entre aos personagens na obra, sobretudo no que diz respeito à fortuna do protagonista, a presença constante do interesse dissimuladamente mascarado. Nesse sentido, a partir do momento em que Rubião adoeceu e não possuía mais nada de valor a oferecer, o casal Palha, assim como boa parte dos que mantinham relações com o protagonista principiaram a se distanciar. O casal Palha só não se afastou efetivamente devido à intervenção de D. Fernanda, que ao contrário das demais personagens, se importava de fato com o estado de Rubião sobre o qual comenta a Sofia, que por sua vez, fica responsável por cobrar uma atitude de Cristiano. Podemos observar a influência de D. Fernanda sobre a atitude de Sofia na seguinte passagem:

– Já ando com grande carga sobre mim, Sofia. E depois como há de ser? Havemos de trazê-lo para casa? Parece que não. Metê-lo onde? Em alguma casa de saúde... Sim, mas se não puderem aceitá-lo? Não hei de mandá-lo para a Praia Vermelha... E as responsabilidades? Você prometeu que me falaria?

– Prometi, e afirmei que você faria isto – respondeu Sofia sorrindo. – Talvez não custe tanto como parece.

Sofia insistiu ainda. A compaixão de D. Fernanda tinha-a impressionado muito; achou-lhe

um quê distinto e nobre, e advertiu que se a outra, sem relações estreitas nem antigas com Rubião, assim se mostrava interessada, era de bom-tom não ser menos generosa. (ASSIS, 2008, p.149).

Nessa passagem, percebemos mais uma vez a mediação de D. Fernanda, agora em relação aos cuidados com Rubião. Sofia só decidiu tomar partido do caso de Rubião porque a outra demonstrou preocupação e interesse pela situação. A atitude de D. Fernanda apresentou-se como sinônimo de nobreza o que fez com que Sofia tomasse para si e o marido a responsabilidade do caso de Rubião, embora o seu sentimento de compaixão fosse “um sentimento médio, não simpatia pura nem egoísmo ferrenho, mas participando de ambos” (ASSIS, 2008, p.144).

D. Fernanda, por sua vez, sentia uma compaixão sincera em relação ao protagonista. A dama “era jovial, expansiva, corada e robusta” (ASSIS, 2008, p.114), sendo durante a narrativa contrastante as demais personagens pelo fato de preocupar-se sempre com o bem estar do próximo. Embora houvesse convivido pouco tempo com Rubião, sentia-se comovida com o estado decadente em que este se encontrava, o que podemos observar no seguinte momento, em que D. Fernanda retorna ao local onde Rubião esteve hospedado a procura de Quincas Borba:

Mas, apesar da exclamação, D. Fernanda não se resolveu a sair. Sem que nenhuma recordação pessoal lhe viesse daquela miserável estância, sentia-se presa de uma comoção particular e profunda, não a que dá a ruína das coisas. Aquele espetáculo não lhe trazia um tema de reflexões gerais, não lhe ensinava a fragilidade dos tempos, nem a tristeza do mundo; dizia-lhe tão somente a moléstia de um homem, de um homem que ela mal conhecia, a quem falara algumas vezes. E ia ficando e olhando, sem pensar, sem deduzir, metida em si mesma, dolente e muda. Sofia não ousava articular nada, com receio de ser desagradável a tão conspícua dama. (ASSIS, 2008, p.169).

Nesse momento, percebemos a preocupação e comoção verdadeira de D. Fernanda que entra em contraste com a atitude das demais personagens, em relação ao protagonista.

O estado de Rubião, por sua vez, tendia a piorar a cada dia que passava, embora este apresentasse uma aparente melhora externa. Ao levar o seu desejo as últimas consequências, o protagonista seguiu por um caminho sem volta que o conduzia cada vez mais a sua evolução e desfecho fatais. Com efeito, “quando o sujeito desejante percebe o abismo que o desejo já escavou sob seus passos, ele lá se joga de livre e espontânea vontade, esperando descobrir, contra todas as probabilidades, o que os estágios menos agudos do mal metafísico não lhe trouxeram” (GIRARD, 2009, p.209).

Com o agravamento do mal de Rubião, D. Falcão, médico contratado por D. Fernanda para que examinasse o enfermo, desconfiou que Sofia, de alguma forma, tivesse sua parcela de culpa no estado atual do paciente devido ao modo como este se referia à moça. Podemos observar suas impressões na seguinte passagem:

– Sim, creio que fique bom, desde que seja regularmente tratado. Pode ser que a doença não tenha antecedentes na família. Mande ver um especialista. Mas não quer saber minha

interessante descoberta?

– Qual é?

– Talvez tenha parte na moléstia uma pessoa sua conhecida – respondeu ele sorrindo.

– Quem?

– D. Sofia.

– Como assim?

– Ele falou-me dela com entusiasmo, disse-me que era a mais esplêndida mulher do mundo, e que a nomeara duquesa, por não poder nomeá-la imperatriz; mas que não brincassem com ele, que era capaz de fazer como o tio, divorciar-se e casar com ela. Concluí que terá tido paixão pela moça; e depois a intimidade, Sofia para aqui, Sofia para ali... Desculpe-me, mas eu creio que os dois se amaram...

– Oh! Não!

– D. Fernanda, creio que se amaram. Que admira? Eu mal a conheço; a senhora parece que não a conhece há muito tempo nem viveu na intimidade dela. Pode ser que se tivessem amado, e que alguma paixão violenta... Suponhamos que ela o mandasse pôr fora de casa...

Verdade que tem a mania das grandezas; mas tudo se pode juntar... (ASSIS, 2008, p.151)

Percebemos nesse momento que, diferentemente da maioria das personagens da narrativa, D. Falcão conseguiu perceber o real motivo do mal de Rubião atribuindo os seus efeitos a uma possível paixão por Sofia, assim como a provável rejeição. D. Fernanda, por sua vez, ofereceu resistência em aceitar tal hipótese, o que levou D. Falcão pensar em outra possibilidade, que nos é apresentada na seguinte passagem:

Neste ponto, sem querer, o deputado estacou. Uma suspeita nova assaltara-lhe o espírito. Após alguns instantes rápidos, abanou a cabeça voluntariamente, como a desmentir-se, como a achar-se absurdo, e foi andando. Mas a suspeita era teimosa, e a que ocupa deveras o interior do homem, não faz caso da cabeça nem dos seus gestos. “Quem sabe se D. Fernanda não suspirou também por ele? Essa dedicação não seria um prolongamento de amor, etc.?” E assim foram nascendo perguntas, que achavam no íntimo do D. Falcão resposta afirmativa. Resistiu ainda, era amigo da casa, tinha respeito a D. Fernanda, conhecia-a honesta; mas, ia pensando, bem podia ser que um sentimento oculto, recatado, quem sabe até se provocado pela mesma paixão da outra...? Há dessas tentações. O contágio da lepra corrompe o mais puro sangue; um triste bacilo destrói o mais robusto organismo. (ASSIS, 2008, p.152)

Esta passagem contendo as ideias de D. Falcão é interessante pelo fato de suas sugestões assemelharem-se consideravelmente com os aspectos do desejo mimético, onde este leva em consideração desde a suposta mediação de Sofia em relação ao sentimento de D. Fernanda, caso algum houvesse, até a natureza contagiosa e as consequências desse suposto sentimento. Nesse trecho nos é apresentada em palavras, através das impressões do D. Falcão, a natureza do desejo que observamos em funcionamento no decorrer de toda a narrativa.

Foi essa mesma natureza mimética do desejo que levou o protagonista da obra ao declínio. Com a desilusão amorosa este perde de vez o sentido. Rubião, que estava até então internado em uma casa de saúde, fugiu para Barbacena levando consigo apenas Quincas Borba.

Assim, “Rubião, logo que chegou a Barbacena e começou a subir a rua que ora se chama de Tiradentes, exclamou parando: – Ao vencedor, as batatas!” (ASSIS, 2008, p.172). Mesmo sem lembrar exatamente o significado dessas palavras, Rubião repetia a fórmula que lhe foi apresentada pelo amigo falecido juntamente com a filosofia do Humanitismo, segundo a qual “o encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente não há morte, há vida, porque a supressão de uma é princípio universal e comum” (ASSIS, 2008, p.21). De acordo com essa filosofia, o próprio Rubião foi o perdedor, a forma suprimida, ao passo que as outras personagens, destacando-se Sofia e Cristiano Palha, foram os vencedores.

No que se refere ao desejo mimético, a fórmula e a alegoria da filosofia humanitista assemelha-se ao mecanismo do bode expiatório em seu papel na resolução dos conflitos. Podemos perceber que, enquanto o estado de Rubião se agravava durante a narrativa, a situação das outras personagens, direta ou indiretamente, tendia a melhorar. E, no momento em que Rubião desapareceu efetivamente do meio, os conflitos cessaram e as coisas voltaram ao seu equilíbrio natural. Logo, uma vez que Rubião foi suprimido, ou melhor, sacrificado, os outros permaneceram como “vencedores” e os conflitos que vinham sendo desencadeados pelo desejo mimético até então na narrativa foram apaziguados, estabelecendo-se a ordem novamente.

Percebemos que, além de Rubião não conseguir realizar o seu desejo, ainda acaba como principal vítima do abismo que este foi formando, pouco a pouco, sob os seus próprios pés. Nesse sentido, Girard (2009) destaca que

Cada homem tem apenas uma maneira de desejar as mulheres, de procurar o amor ou o sucesso, quer dizer, a divindade. Contudo essa permanência não é mais a permanência no ser de que se vangloria a consciência burguesa: é uma permanência no nada. O desejo, de fato, não alcança nunca seu verdadeiro objeto: ele conduz ao esquecimento, ao declínio e à morte. (GIRARD, 2009, p.268).

Nesse sentido, percebemos os efeitos do desejo metafísico sobre o protagonista, que morre delirando após alguns dias a sua chegada em Barbacena. Podemos perceber no desfecho de Rubião, assim como nos conflitos desencadeados pelas relações triangulares entre as personagens durante a narrativa, o mal, muitas vezes irreparável, que o desejo mimético e a mediação interna podem desencadear. Concordamos com Barbieri quando afirma que “a urdidura mais elaborada desse romance se deve, em primeira instância, a um desejo genuíno de se experimentar a forma romanesca e seus limites” (2003, p.53). Em síntese, na obra nos é apresentada, no que se refere ao desejo mimético, a natureza imitativa e conflituosa das relações entre as personagens, assim como a busca desenfreada pelo poder e realização pessoal que, ultrapassando todos os limites, não leva em conta o estado e sofrimento do próximo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando a questão do desejo mimético é abordada dentro do universo de uma obra literária como *Quincas Borba*, em que a atmosfera é constituída menos de fatos que de sugestões, é necessário levar em conta diversos aspectos internos e por vezes externos, sobretudo no que diz respeito à maneira em que o autor encara a natureza mimética do desejo, isto é, se produz mentira romântica ou verdade romanesca.

Sabe-se que Machado de Assis configura-se como um autor produtor de verdade romanesca, uma vez que dialoga constantemente com a tradição literária assim como com outras áreas do conhecimento em suas obras. No caso específico de *Quincas Borba*, de acordo com o aspecto analisado, observou-se a presença constante dos dois tipos de mediações, externa e interna, durante da narrativa.

No decorrer da saga de Rubião, observou-se a presença de um desejo triangular central entre o protagonista e o casal Cristiano Palha e Sofia, que com o avanço da narrativa acaba por desencadear a formação de novos triângulos, caracterizados em sua maioria pela mediação interna, onde os desdobramentos ocasionam, por sua vez, diferentes conflitos e consequências entre as personagens machadianas.

Através da análise do desejo mediado entre as personagens, sobretudo no que se refere ao desejo do protagonista, observou-se o declínio do sujeito desejante, isto é, Rubião. Com a evolução das relações miméticas no interior da narrativa, o modo como o Rubião foi explorado, excluído, suprimido e sacrificado, demonstrou, ainda, a utilização do sujeito como o principal mecanismo de controle da violência desencadeada pela mediação interna, isto é, o bode expiatório.

Nesse sentido, pode-se observar, novamente, a relevância da noção de verdade romanesca e de autores que a produzem, como Machado de Assis, para a identificação da real natureza do desejo que por sua vez não se origina de forma autônoma, ligando o sujeito diretamente ao objeto, mas deriva uma complexa relação triangular em que se faz necessária à presença efetiva do mediador.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. 1. ed. São Paulo: Escala Educacional, 2008.

BARBIERI, Ivo (org). *Ler e reescrever Quincas Borba*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: *Vários Escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

GIRARD, René. *Mentira Romântica e Verdade Romanesca*. São Paulo: É Realizações Editora, 2009.

PRADO, Décio de Almeida et al. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Debates, 1964.